

A ESCASSEZ DE ESPAÇOS BRINCANTES NAS CIDADES DO CARIRI: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Lidiane Quirino Ramalho

Universidade Estadual da Paraíba – (lqrda@hotmail.com)

Hélia Maria Sousa

Resumo: As discussões em torno do brincar na infância, permeiam o cenário da pesquisa científica. O momento da brincadeira torna-se imprescindível para o desenvolvimento infantil nos aspectos motores, sociais, afetivos, culturais e familiares. Sua eficácia e relevância são relatadas em inúmeros trabalhos acadêmicos. Independente da idade, de qualquer comprometimento físico ou diferenças étnicas e culturais, as crianças, adolescentes, jovens e adultos, precisam brincar. O presente trabalho tem como objetivo principal analisar os espaços brincantes oferecidos às crianças em cidades da região caririzeira do Estado da Paraíba. A pesquisa se concretiza na análise de teorias que indicam a funcionalidade do brincar, independente das condições físicas, culturais e econômicas. Teorias que desmistificam a ideia de que a ludicidade esteja ligada, diretamente, ao contexto escolar, mas que faz parte da vivência do sujeito. Propõe uma análise de como destinar um lugar para que o brincar aconteça, um ambiente real que favoreça o desenvolvimento do sujeito na sua integralidade. Os resultados demonstram a escassez de espaços onde as crianças possam brincar de forma livre, orientada ou com a família. Os ambientes configurados como lugares de encontros são praças públicas. Sua fragilidade em atender o público infantil fica evidente quando sua própria estrutura impede a liberdade do brincar. As praças das cidades do Cariri apresentam-se com características de agrupamento de bares, restaurantes e barracas de lanche, encontros amorosos. A estrutura desses espaços compromete a participação das crianças nas atividades brincantes. Políticas públicas que viabilizem espaços brincantes é a opção que se oferece para o desenvolvimento livre das crianças.

Palavras-chave: Crianças, espaços brincantes, brincadeiras, desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Ao brincar a formação da personalidade está em construção. Moyles (2002, p. 22) afirma que “o brincar ajuda os participantes a desenvolver confiança em si mesmo e em suas capacidades e, em situações sociais, ajuda-os a julgar as muitas variáveis presentes nas interações sociais e ser empático com os outros”.



Nesse sentido, destaca-se a necessidade de pensar sobre os espaços destinados para as brincadeiras livres das crianças. Onde as crianças brincam? Que tipo de brincadeira a desafia a ser melhor? Que estruturas foram criadas para permitir a liberdade das crianças? Em que lugares as crianças com deficiência irão se apropriar de suas brincadeiras.

Em algumas cidades as praças públicas como a opção para as crianças brincarem espontaneamente.

As praças são espaços destinados à convivência social e que se configuram como ambientes inadequados para o encontro de crianças. Esses espaços aparecem como única opção para a ludicidade. Barbieri (2012) afirma que “as crianças pequenas precisam de espaço para se colocar e ser o que são”.

O principal objetivo desse trabalho é analisar os espaços destinados ao brincar em cidades do Cariri. Pretende conhecer o significado das atividades brincantes para as crianças. Busca analisar a estrutura dos espaços denominados de praça, no sentido de possibilitarem o movimento e as interações sociais das crianças. Tem como necessidade investigar os ambientes onde as crianças estão brincando. As teorias de Penin (2011), Friedmann (2012), Barbieri (2012) solidificaram as bases da pesquisa, no sentido de apresentarem aspectos relevantes para se pensar em espaços brincantes.

A temática busca sua justificativa na ideia de que oferecer ambientes inadequados para o brincar compromete o desenvolvimento das crianças. Correr, cantar, pular, saltar, são atividades inerentes ao desenvolvimento infantil. Reconhecer a relevância desses ambientes de condução de prazer, criatividade e, principalmente, espontaneidade marca a compreensão da infância e as teorias começam a fazer sentido na vivência social.

Ao oferecer as crianças ambientes de aprendizagem coletiva, que vão além das salas de aula, e que priorize o brincar, evita o desenvolvimento de atitudes individualistas ou egoístas. Nessa relação conceitos como aprender, perder, ganhar, trocar, ceder à vez ao outro, esperar a sua vez, permitir que o outro expresse seu jeito de ser e de fazer, são aprendidos de forma espontânea. No entanto, o choro, a confusão, as intrigas infantis, muitas vezes são inevitáveis, mas fazem parte do processo de desenvolvimento humano.

METODOLOGIA



A pesquisa se fundamenta em uma análise bibliográfica sobre o que é o brincar e sua relevância para a formação do sujeito. A pesquisa se desenvolve a partir de materiais elaborados, pois como afirma Gil (1999) “há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

O registro de fotos obtidos em sites locais proporcionou uma visão panorâmica das condições dos lugares onde as crianças brincam. De acordo com Kishimoto (1999) “brinquedos e brincadeiras são formas privilegiadas de desenvolvimento e apropriação do conhecimento pela criança”. Dada à relevância do brincar as teorias se ampliam significativamente.

As cidades escolhidas para análise dos espaços brincantes foram Monteiro, Sumé e Congo. A escolha se deu pelo fato de serem cidades relativamente pequenas e que, por suas características físicas e populacionais, representam boa parte dos municípios localizados no Cariri paraibano. As fotos reafirmam a importância de refletir sobre as reais condições dos espaços do cariri paraibano, onde as crianças possam frequentar livremente.

De acordo com Gil (1999, p. 48) “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e “artigos científicos” acerca de autores colaboradores ao entendimento da aprendizagem e suas dificuldades na aquisição”. Nesse sentido, a pesquisa pretende fazer um levantamento bibliográfico, tendo em vista, a apreciação de se pensar sobre os espaços brincantes.

Para Köche (2008) “o principal objetivo da pesquisa, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa”. O problema que se apresenta deve levar a um patamar mais elevado de discussão, no momento em que se observa um número significativo de teorias que defendem o brincar como eixo da formação humana.

No ano de 2007, o Ministério da Educação/Secretaria de Educação especial ao apresentar o documento Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva, com a proposta de proporcionar acesso a educação em escolas públicas de crianças portadoras de deficiência, transtorno global do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, impulsionando ações para que essas mesmas crianças tenham acesso, além dos estudos, uma vivência social que garanta o respeito aos seus direitos em todos os âmbitos. Nesse sentido discutir sobre espaços sociais para essas crianças, torna-se uma tarefa inadiável.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



O período da infância corresponde ao um momento privilegiado de formação da personalidade, da aceitação do outro e de si mesmo. Brincar para criança é coisa séria. A criança que não brinca, compromete seu desenvolvimento cognitivo, motor e social. Segundo Machado (2003) “brincar é também um grande canal para o aprendizado, senão o único canal para verdadeiros processos cognitivos”. Essa abordagem sobre o brincar ultrapassa a esfera escolar e se estende para a família e para a sociedade. Embora o século XXI tenha trazido à importância do brincar na escola como instrumento de ensino e de aprendizagem, delegar tão somente a ela essa tarefa é algo imaturo, tendo em vista que, essa atividade, acontece em todos os lugares, a todo instante.

A reflexão sobre o brincar em ambientes adequados, para esse fim, não condiz com o que se tem visto em boa parte das cidades do Cariri. Durante a análise dos resultados foi possível observar que, as cidades que serviram de referência para pesquisa, não apresentam um lugar ou espaço propício para o desenvolvimento de atividades brincantes. Mantoan (2003), contribui com essa análise quando afirma que “ao lado do direito à educação, enfatiza o direito do brincar: Toda criança terá direito a brincar e a divertir-se cabendo à sociedade e às autoridades públicas garantir a ela o exercício pleno desse direito”.



Fonte: <https://www.pbtur.com.br/pras-ondas-ir/monteiro-2/>

Nas praças onde há a presença de brinquedos, percebe-se o quão frágeis estão em termos de condições para a criança usar. Boa parte desses “parques” são de madeiras, não havendo sua constante manutenção, podem trazer oferecer riscos. Outro material usado na construção desse tipo de brinquedo é o ferro, no entanto, sua ferrugem pode trazer danos desastrosos. Durante a análise das fotos, em nenhum dos “parques” foi encontrado proteção contra os raios do sol, ficando assim, sua utilização condicionada aos horários menos nocivos para a saúde.

Percebe-se um número significativo de ambientes que parecem um aglomerado de bares e lanchonetes, menos um espaço onde as crianças possam viver a aventura de brincar. O que acontece, frequentemente, é a incapacidade de um cadeirante ou um sujeito com acuidade visual percorrer de forma satisfatória, esses lugares.

De acordo com Friedmann (2012) O brincar espontâneo abre a possibilidade de observar e escutar as crianças nas suas linguagens expressivas mais autênticas.

Em outras ocasiões onde as praças são mais amplas, os espaços são ocupados por cadeiras e mesas. As crianças são orientadas a não brincarem de bola, essas podem acertar as pessoas que estão com garrafas na mesa, com a pancada, podem se quebrar e causar constrangimento para o adulto e ferir as crianças. Não pode correr, por que podem esbarrar nas mesas, nos carros de lanches. Não podem gritar, pois isso pode incomodar o adulto que veio se distrair com um copo de cerveja, na conversa com os amigos, ou simplesmente fumando um cigarro.

Andar de bicicleta, de patins ou de skate são atividades inviáveis tendo em vista os espaços oferecidos. A infraestrutura compromete a liberdade das crianças, dos jovens e dos adolescentes. Algumas praças foram construídas junto às rodovias que cortam a cidade, qualquer distração pode comprometer a vida, outras possuem piso inadequado.

O conceito de praças talvez já esteja arraigado na cultura dessas regiões, sendo considerado um lugar onde as pessoas se encontram, conversam, discutem, ouvem suas músicas, tomam suas cervejas. Nesse sentido, o poder público deve pensar em destinar um ambiente que se configure um lugar onde as famílias possam estar juntas, brincar juntas, já que o brincar é um direito assegurado pela própria Constituição Federal (1988) e leis mais recentes.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/5515925657>

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é que as escolas tem assumido a responsabilidade de brincar com as crianças. Muitas dessas brincadeiras justificam-se pelo fato que no brincar é possível ensaiar para a vida. Além do brincar pedagógico, a escola é convidada ao montar sua brinquedoteca, a alicerçar seus conteúdos em estratégias lúdicas para facilitar a processo de apreensão por parte dos alunos. Em um primeiro momento tudo parece conspirar para uma maior qualidade no ensino.



Fonte: <http://zabeleligado.blogspot.com.br/2016/01/visita-cidade-do-congo-paraiba.html>

Quando brinca a criança vive alegrias, tristezas, medos. Busca resolver seus diversos conflitos da sua maneira, ora compreensiva, ora irritada. Assim, desenvolve valores, conhece o mundo que a cerca e as possibilidades da convivência com o outro. Na verdade, começa o preparo para uma vida em sociedade e as implicações que essa vida oferece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que o brincar é vital para criança, de adolescentes jovens e adultos. O sujeito que não brinca pode comprometer seu desempenho social e cognitivo. A criança imita a dança, a arte, a as expressões, os gestos. No momento da interação com o outro, seu olhar sobre si mesma começa a se ampliar.

Pensar em ambientes propícios para essas atividades significa defender a ideia de que os pequenos espaços oferecidos nas famílias ou na própria escola, parecem ser insuficientes, tendo em vista a necessidade da criança ser um sujeito dinâmico e ativo.

Ao defender a ideia de espaços brincantes leva-se em consideração a possibilidade que a criança tem de se expressar, de se relacionar com os da sua idade, de vivenciar a troca de experiências.

As brincadeiras vivenciadas na escola ganham ar pedagógico, mesmo estando livres das inferências do professor. Quando se brinca em um ambiente fora dos muros da escola, o mundo da própria criança se enche de possibilidades. Ela corre, pula, grita, salta, se esconde, inventa, imita, enfim, explora seu entorno.

Estamos frente a um desafio à inclusão de todas as crianças em espaços brincantes. Todos são chamados a debater sobre o que significa melhorar as condições de interação, socialização e comunicação e, especialmente, de adaptação do sujeito ao grupo que se junta e, juntos, brincam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Documento Subsidiário à Política de Inclusão**. Brasília: SEESP, 2007.



FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão.** São Paulo: Moderna, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 25ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar? O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MOYLES, Janet R. **O papel do brincar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

